

390

250ms

28-

Vozes em defesa da be'



E21

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO

27

**A Teoria
de “A Bíblia
Sòmente”**

**PUBLICAÇÃO DO SECRETARIADO
NACIONAL DE DEFESA DA FÉ**

<http://www.obrascaticas.com>

A TEORIA DE “A BÍBLIA SÔMENTE”

VOZES EM DEFESA DA FÉ

CADERNO 27

PE. DR. L. RUMBLE, M. S. C.

A TEORIA DE
“A BÍBLIA SÔMENTE”



PUBLICAÇÃO DO
SECRETARIADO NACIONAL DE DEFESA DA FE'
EDITORA VOZES LIMITADA
1959

291.211.2
R947
port

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI DESIDÉRIO KALVER-
KAMP, O. F. M. PETRÓPOLIS, 2-III-1959.

Titulo do original inglês: The "Bible-Only" Theory.
Publicado pelos Fathers Rumble & Carty, Saint Paul 1,
Minn. U. S. A.

Copyright by the RADIO REPLIES PRESS

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

A TEORIA DE “A BÍBLIA SÒMENTE”

Se se perguntasse à média dos homens qual foi a principal realização da Reforma Protestante, provavelmente êles responderiam ter sido o haver ela substituído a Igreja Católica pela Bíblia como a autoridade final em matéria de religião. Chillingworth (1602-1644), no seu livro “Religion of Protestants a Safe Way to Salvation” (“Religião dos Protestantes, caminho seguro para a salvação”), resumiu a situação dando-nos a sua famosa declaração: “Sòmente a Bíblia é a religião dos Protestantes”. E à Bíblia os Protestantes sempre tenderam a atribuir tôdas as bênçãos, mesmo nas coisas temporais, que parece terem vindo ao seu encontro.

Assim, tornou-se tradicional para os inglêses dizer que o segredo da grandeza e tolerância da Inglaterra devia ser achado na “Bíblia aberta”. Sem dúvida êles eram insulares nessa sua visão, não reparando no fato de países protestantes menores, igualmente dedicados à “Bíblia aberta”, não obterem os mesmos benefícios materiais e uma aparente prosperidade qual a que lhes coube em sorte. Nem viam o perigo de ligar a verdade da sua religião ao seu progresso em riqueza e poder terrenos, argumento que provaria como sendo a religião verdadeira a religião católica da Espanha quando esta era a nação dominante no mundo; e que provaria ser falso o Protestantismo com o declínio do prestígio da Inglaterra! Quanto ao fato de ser a Bí-

blia a fonte do amor à liberdade e do espírito de tolerância da Inglaterra, a história dificilmente comprova a sua posse de tais atributos. Foi para escapar à intolerância e para fruir liberdade de religião que os primeiros colonos ingleses fugiram para a América.

Mas, aí também, houve desilusões. Esses primeiros colonos eram filhos da sua época; e os Protestantes entre si ainda subscreviam de pleno coração o dito de Chillingworth de que “sòmente a Bíblia é a religião dos Protestantes”. Eles trouxeram consigo as suas Bíblias; e honestamente acreditaram ter vindo para a América para escapar à tirania e para praticar a independência e a liberdade que haviam aprendido nas Escrituras. Mas, se se declaravam “homens livres em Cristo e determinados a permanecer tais”, a história mostra que também eles falharam, como falhara a Inglaterra, em aplicar imparcialmente os seus princípios. O seu interesse era terem liberdade eles próprios, mas não concedê-la a outros que sucedesse não compartilharem as suas próprias convicções religiosas.

Tudo isso, por certo, ao menos em grande extensão, pertence a uma época passada. Ninguém poderia dizer que a intolerância religiosa já não existe; mas indubitavelmente é muito menor do que o era uma geração atrás. Contudo, muitas vezes tem sido observado que, embora não haja ligação necessária entre as duas coisas, o crescimento de um espírito de tolerância tem sido acompanhado por um declínio de interesse pela Bíblia e por um aumento de indiferença para com a religião geralmente.

Por exemplo, recentemente, na Inglaterra, o Rev. Dr. Garbett, Arcebispo Anglicano de York, fez uma pintura deprimente da atitude média dos ingleses para com a Bíblia hoje em dia. Dirigindo-se a uma assem-

bléia da "British and foreign Bible Society" em Londres, em maio de 1952, disse êle: "Seria puro pensamento de desejo imaginar que tudo está certo na nossa terra, e que a Bíblia no nosso país é tão largamente lida como no passado. Há muitos dos nossos compatriotas que não a leram em qualquer tempo de suas vidas, e que não têm intenção de fazê-lo. Hoje em dia há muitas casas sem a Bíblia, e, em algumas daquelas onde ela é achada, não é usada exceto quando é aberta para algum auxílio num embarço. Para milhões de pessoas ela é um livro desconhecido" ("Church Times", 9 de maio de 1952).

Sem receio de ser acusado de exagero, certamente se poderia falar de modo semelhante da América; e êste estado de crescente indiferença para com a Bíblia certamente nos força a perguntarmos a nós mesmos se não houve algo radicalmente errado num acesso à Bíblia e à sua leitura que acabou com as tradicionais salvaguardas e com a guia aceitas por tôda a cristandade até que os reformadores do século dezesseis persuadissem os seus sectários de apoiar tudo sòmente na Bíblia, lendo-a cada pessoa por si mesma e fazendo dela o que pudesse.

A "BÍBLIA ABERTA" COMO GUIA

Em primeiro lugar devemos perguntar se jamais Deus pretendeu que a Bíblia sòzinha fôsse a única e exclusiva fonte de doutrina para os cristãos. Nenhuma questão surge aqui quanto à verdade do que está contido na Bíblia. Se um protestante declara que a Bíblia é a Palavra de Deus inspirada, contendo as "indizíveis belezas e glórias de Cristo", nenhum católico instruído pensaria em discordar dêle. A dificuldade surge sòmente quando se exprime a pretensão de que a Bíblia é completa,

simples e clara, dizendo-nos tudo o que precisamos saber sobre as doutrinas a serem cridas, e tudo o que precisamos fazer a fim de nos comportarmos, como cristãos se comportariam, durante a nossa vida neste mundo.

Desde o princípio, para os que desejam refletir nesta matéria, a pretensão de ser a Bíblia um guia completo cria um problema insuperável, devido ao fato de declarar ela expressamente que não é completa. Tudo o que está na Bíblia é verdadeiro; mas nem tudo o que é verdadeiro deve ser achado escrito nela. Cristo mandou a seus Apóstolos ensinarem à humanidade “tôdas as coisas que eu vos mandei” (Mt 28, 20). Todavia, S. João conclui o seu evangelho dizendo: “Há também muitas outras coisas que Jesus fêz, as quais se fôssem escritas, o próprio mundo, penso eu, não seria capaz de conter os livros que seriam escritos” (Jo 21, 25). Quem declara que a Bíblia por si mesma é um guia completo está, portanto, professando uma doutrina não somente não contida na Bíblia, mas também uma doutrina em divergência com a Bíblia. Em última análise, não podemos fugir à conclusão de estar êsse expressando apenas uma tradição puramente humana e protestante, por mais fortemente que êle possa protestar contra a afiançabilidade de qualquer tradição.

Ademais, a pretensão de que a Bíblia é simples, é desmentida pela própria Bíblia. Longe de apoiar essa idéia, S. Pedro, falando das epístolas de S. Paulo, declara que nelas há “coisas difíceis de entender, as quais os ignorantes e versáteis deturpam, como o fazem também com as outras escrituras, para a sua própria ruína” (2 Ped 3, 16). Isso não soa como se a Bíblia fôsse tão simples assim.

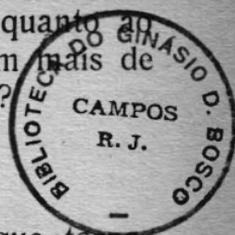
Finalmente, se a Bíblia fôsse realmente clara, como

podemos explicar o fato de haverem os protestantes que a tomaram como seu único guia autêntico falhado tanto em concordarem entre si mesmos quanto ao sentido dela, a ponto de se fragmentarem em mais de quatrocentas seitas diferentes e antagônicas?

A VONTADE DE CRISTO

Pode-se aqui dizer, num pensamento a que tomaremos mais adiante, que o homem que declara aceitar somente a Bíblia como sua autoridade em matéria religiosa não pretende realmente fazê-lo. Porquanto êle acredita naquilo que êle mesmo pensa que qualquer passagem dada da Bíblia significa, e que entretanto poderia não ser, de modo algum, o que a Bíblia realmente significa. Para tal pessoa, a única autoridade última em matéria religiosa não é a da Bíblia, mas sim a do seu próprio juízo concernente à Bíblia; e êle não tem segurança de que o seu próprio juízo seja algo mais afiançável do que o de outros cuja interpretação difere da sua, e que honestamente crêem estar completamente errada a interpretação dêle.

Menciono isto aqui simplesmente para pôr em foco o fato de não ser a posição católica afetada por semelhantes dificuldades. Porquanto ela sustenta que Cristo nunca pretendeu que a Bíblia sozinho fosse o Livro-Guia para a verdade religiosa. O método dêle foi estabelecer uma Igreja por êle autorizada a ensinar a humanidade em seu nome. Êle escolheu os seus Apóstolos, adestrou-os, e incumbiu-os de ir e ensinar tôdas as nações, batizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, "ensinando-lhes tôdas as coisas que eu vos mandei". Não lhes disse que escrevessem livros. Os livros do Novo Testamento não foram escritos senão anos depois da sua morte. Mas os primeiros cristãos não ficaram sem guia. Os Atos



dos Apóstolos nos dizem que êles “perseveraram na doutrina dos Apóstolos” (At 2, 42).

Portanto, o que Cristo pretendeu foi que o ensino oficial dos Apóstolos e dos seus sucessores na Igreja fôsse o nosso guia, e não a Bíblia escrita, que está tão sujeita a má interpretação pelos seus vários leitores individualmente, por mais sinceros que sejam. Como a própria Palavra de Deus, a Bíblia é verdadeira em si mesma; mas não são necessariamente certas tôdas as conclusões que as pessoas escolhem tirar dela. E isto nos traz a um novo e vital ponto de divergência entre a posição dos protestantes em geral e a da Igreja Católica.

“INTERPRETAÇÃO PRIVADA”

À parte a questão da adequação ou inadequação da Bíblia, o problema da sua interpretação é um problema de primeira importância. Deve a Bíblia ter autoridade para nós, como sendo a palavra de Deus, somente desde que percebamos corretamente aquilo que Deus nela pretendeu dizer. Não têm autoridade divina de qualquer espécie sentidos outros que não aquêles que êle pretendeu fôsem lidos pelos homens no texto.

Foi dito que, uma vez que se admita que a Bíblia contém a revelação do próprio Deus, então temos de admitir que nenhum homem pode errar se é guiado por ela. Se realmente êle fôsse guiado por ela, sem dúvida isso seria verdadeiro, ao menos em relação àquela parte da revelação divina que foi registada nas páginas dela. Mas a questão é que um homem pode erradamente pensar estar sendo guiado pela Bíblia, quando, na realidade, não o está, por havê-la entendido mal. E, passando, por enquanto, por cima do fato de por mais de mil anos antes da invenção da impren-

sa ter sido impossível a cada homem ter uma Bíblia, não é verdade que, quando se tornou possível a distribuição universal dela, sinceros e ardorosos leitores da Bíblia chegaram a uma multidão de conclusões colidentes? Se a interpretação privada fôsse a maneira de Deus, o mesmo Espírito Santo teria levado a uma só e mesma verdade todos aquêles que confiassem na sua assistência.

Contra estas considerações, tem sido aventada a ordem de Cristo de que "examinemos as Escrituras" (Jo 5, 39). Mas os milhares de protestantes bem-intencionados que têm citado essas palavras como se realmente elas fôsem uma ordem têm sido transviados pela tradução da Versão Protestante Autorizada da Bíblia, tradução que, na Versão Protestante Revista, foi corrigida para: "Examinais as Escrituras". Cristo estava estatuindo um fato, e não uma ordem. Dirigia-se a um grupo de judeus e censurava-os por não o reconhecerem como o cumprimento de tudo o que as Escrituras haviam predito a seu respeito. A mais recente "Versão Protestante Revista Padrão" descreve Cristo como dizendo: "Não tendes a sua palavra habitando em vós, porque não credes naquele que êle enviou. Examinais as Escrituras por pensardes que nelas tendes a vida eterna; e elas é que dão testemunho de mim".

Em matéria de fato, a passagem inteira é fatal para a pretensão de que, investigando as Escrituras, necessariamente se chegará à verdade. Aquêles mesmos a quem Cristo falava haviam investigado as Escrituras na crença sincera de que por êsse meio aprenderiam tudo o que era necessário para a vida eterna. Cristo reconheceu que realmente êles pensavam dessa maneira. E, no entanto, êles não tinham chegado à verdade!

“A BÍBLIA INTÉRPRETE DE SI MESMA”

Uma saída para essas dificuldades pensou-se achar na pretensão de que a Bíblia, como nenhum outro livro pode alardear, é o seu próprio intérprete. Afinal foi aventado que, já que a Bíblia contém a Palavra inspirada do Deus infinito, possivelmente não estaria no caso de lhe fazer justiça nenhuma interpretação dela feita por qualquer mente finita. Devemos, portanto, sustentar que a Palavra de Deus se interpreta a si mesma para cada leitor sincero da Bíblia.

Todavia, é realmente impossível manter tal posição. Embora a Sagrada Escritura seja inspirada pelo “Deus Infinito”, não podemos fugir a aceitar a interpretação a ela dada por mentes finitas. Afinal de contas, a Escritura deve significar alguma coisa. Declarar êsse significado é interpretá-lo. E, como os seres humanos têm só mentes finitas, devem ou confiar nos significados deduzidos dela pelas suas mentes finitas, ou recusar atribuir à Escritura significado qualquer que seja.

Nenhum livro, mesmo inspirado por Deus, pode ser o seu próprio intérprete; e a própria sugestão de que a Bíblia se interpreta a si mesma é oposta ao ensino dela. Porque, não somente em parte alguma a Bíblia proclama ser “o seu próprio intérprete”, como também declara justamente o contrário. Assim, lemos nos Atos dos Apóstolos que, quando Filipe achou o Etíope lendo a Bíblia, disse-lhe: “Pensas que entendes o que lês?” E o homem respondeu: “E como posso eu entendê-lo se ninguém mo mostra?” Então Filipe, em nome da Igreja, interpretou para êle as Escrituras (At 8, 27-39).

Escrevendo a Timóteo, S. Paulo diz que a Igreja do Deus vivo é que é a “coluna e o fundamento da

verdade" (1 Tim 3, 15). Além disto, como Bispo dessa Igreja, lhe diz: "Guarda o bom depósito a ti confiado pelo Espírito Santo... Prega a palavra... repreende, roga, admoesta com tôda paciência e doutrina" (2 Tim 1, 14; 4, 2). E que quer isto dizer senão interpretar corretamente a Escritura e insistir na aceitação da verdadeira interpretação declarada em nome da Igreja onde quer que se trata de doutrinas tais quais estão contidas na Bíblia?

A escolha, pois, está entre interpretações propostas por mentes humanas desautorizadas e falíveis, e as de um mestre autorizado e infalível neste mundo, se tal existe. A Bíblia contém a verdade; mas nem todos, mesmo com a maior boa vontade, são capazes de discernir a verdade que ela contém. A Bíblia necessita um mestre autorizado para lhe explicar o sentido em inúmeras passagens, se se quiser evitar mal-entendidos. Se nas escolas se precisa de um mestre para explicar os livros de texto que tratam dos mistérios da própria natureza, quanto mais necessário não há de ser um mestre para explicar os mistérios da revelação divina contidos na Sagrada Escritura! A Igreja Católica, e só a Igreja Católica, pretende ser divinamente nomeado e infalível, disponível para êsse fim; e dela é a única posição bíblica verdadeira.

"FALA O ESPÍRITO SANTO!"

Não tendo fé na Igreja Católica e não achando aceitáveis as suas pretensões, os protestantes vão até a declarar que, mesmo se a Bíblia como livro não pode ser o seu próprio intérprete, pelo menos o Espírito Santo é infalível, e pode tornar cada leitor infalível nas suas interpretações, desde que tenha fé em Cristo e esteja preparado para confiar na guia do Espírito Santo. Mas, se cada leitor sincero da Bíblia é tor-

nado infalível pelo Espírito Santo em discernir o significado que Deus pretendeu revelar, que é isto se não reclamar para cada crente uma infalibilidade, ante a qual as pretensões muito mais modestas dos católicos a um Papa infalível empalidecem até à insignificância?

Mas, descendo do plano ideal para o plano real, não é de admirar que milhões dos pretensos leitores infalíveis da Bíblia não se espantem com o fato de chegarem a uma multidão de conclusões mutuamente excludentes? Os resultados, na prática, tornam quase uma blasfêmia dizer que o Espírito Santo tenha o que ver com tal multidão de interpretações contraditórias. Considere-se justamente a multidão de diferentes Igrejas Protestantes que têm sido estabelecidas de acôrdo com a imensa variedade de opiniões que surgem da interpretação privada da Sagrada Escritura! Assim, temos Luteranos e Calvinistas, Anglicanos e Batistas, Congregacionalistas, Presbiterianos e Metodistas; e a chusma de seitas mais recentes, tais como os Adventistas do Sétimo Dia, os Mórmons, os Cientistas Cristãos, as Testemunhas de Jeová e uma lista quase intérmina de outras, cada uma reclamando basear-se na Bíblia.

O cúmulo do absurdo é atingido por extravagâncias tais como as dos cultos da cobra de Kentucky, cujos membros acreditam poderem ser mordidos à vontade por êsses venenosos répteis sem quaisquer maus efeitos, pensando que a sua prática é justificada por uma passagem do evangelho de S. Marcos: "Tomarão serpentes... e elas não lhes farão mal" (Mc 16, 18). Na realidade, êles baseiam a sua prática é na sua própria falsa interpretação dessas palavras. Cristo não disse que o sinal milagroso que êle prometera seria *sempre* operante para *cada um*. Entre os sinais mos-

trados pelos seus seguidores, às vêzes poderiam ser esperadas coisas tais como não serem molestados por serpentes. Mas isso seria sempre um milagre operado por Deus quando Deus quisesse, e não uma espécie de mágica ao alcance de gente iludida, quando esta quisesse. Os Atos dos Apóstolos nos dizem que S. Paulo foi mordido por uma víbora, e que Deus o preservou do mal (At 28, 5). Porém S. Paulo não era réu de presunção, consentindo deliberadamente em ser mordido e depois desafiando Deus a protegê-lo — forma de presunção que Nosso Senhor expressamente condenou. Quando o demônio disse a Cristo que se atirasse do pináculo do templo, citando a Escritura para mostrar que nenhum mal lhe adviria, Nosso Senhor respondeu: “Não tentarás o Senhor teu Deus” (Mt 4, 7). Os homens não têm o direito de desafiar Deus a fazer até mesmo aquilo que, certa ou erradamente, êles pensam que Deus prometeu fazer.

Até mesmo nos primeiros anos da Reforma Protestante, durante a era elisabetana, Shakespeare fêz Basânio dizer:

“Em religião, que erro há detestável, que algum grave personagem não ache de bendizer e de aprovar com um texto?”

(“Mercador de Veneza”, ato III).

Mas é duvidoso que o próprio Shakespeare tenha previsto essas conseqüências grotescas resultantes do chamado princípio do juízo privado, tais como as dos cultos da cobra de Kentucky! Entretanto, o que deve ser notado é que êsses cultos fantásticos são o efeito do mesmo princípio reclamado para si mesmas pelas mais serenas e respeitáveis denominações protestantes que rejeitam a autoridade da Igreja Católica e declaram terem o direito de ser guiadas pelas suas próprias interpretações individuais da Sagrada Escritura.

BÍBLIA E REUNIÃO DE IGREJAS

Há entre os protestantes hoje em dia uma crescente consciência do mal de tôdas essas divisões. Eles ligam muito mais atenção do que ligavam no passado à oração de Cristo: "Que êles sejam um como tu, Pai, em mim e eu em ti" (Jo 17, 21). Cada vez mais ouvimo-los falar sôbre "o pecado da nossa desunião". Mas a coisa pasmosa é ainda acreditarem êles que a única coisa necessitada para conseguir a unidade é, para todos os homens, adotarem o estudo, por si mesmos, de uma só e mesma Bíblia. Isto é apenas propor como remédio para as suas divisões a própria coisa que as causou em princípio.

Alguns anos atrás, uma série de cartas sôbre êste mesmo assunto apareceram no "Spectator" (Espectador) britânico. A respeito da conclusão da correspondência um comentário mui significativo foi formulado por Mr. Hamilton Fyfe, da "Rationalist Press Association" (Associação Racionalista da Imprensa); por um homem, portanto, que, longe de ser católico, repudia tôda crença na religião cristã. Eis aqui o que êle escreveu ao editor do "Spectator":

"Senhor: — Fiquei certo de que alguém lhe escreveria em resposta à espantosa sugestão de W. L. C. Bond, de que um estudo mais intenso da Bíblia levaria a uma reunião de tôdas as seitas cristãs. Como ninguém parece tê-lo feito, posso eu indicar que foi precisamente a leitura da Bíblia que criou essa desunião? Tão logo se permitiu ao povo interpretar as Escrituras de acôrdo com suas próprias fantasias, preconceitos, ou loucuras, muitíssimas seitas foram formadas, e a unidade da Cristandade ocidental, que prevalecera até o século dezesseis, foi quebrada para

sempre. Supor que ela poderia ser restaurada por novas doses do veneno que a matou, é fantástico.

Seu, com aprêço,
Hamilton Fyfe,
Associação Racionalista de Imprensa,
Fleet Street.

(“Spectator”, 30 de março de 1951).

Nem por um momento a citação dessa carta implica aprovação da incredulidade dos chamados “racionalistas”. Mas êste racionalista particular viu ao menos como inevitavelmente as divisões devem resultar do princípio protestante da interpretação privada da Bíblia.

A ATITUDE CATÓLICA

À luz de tudo isso, certamente não é difícil compreender as objeções da Igreja Católica à idéia de que cada leitor individualmente deveria constituir-se em juiz independente quanto ao sentido da Bíblia. Como antes sugeri, isto praticamente é pretender que cada leitor é tornado infalível pelo Espírito Santo tantas vezes quantas se dedicar arduamente à leitura da Sagrada Escritura, pretensão essa de longe excedente a qualquer pretensão reivindicada pelos católicos mesmo para êsse único homem, o Papa, cuja infalibilidade só é exercida em ocasiões isoladas e dentro dos limites de condições as mais exigentes. Até mesmo Bernard Shaw foi plenamente sensível a êste aspecto do assunto. Escreveu êle no prefácio da sua peça “S. João”: “Talvez eu fizesse melhor informando os meus leitores protestantes de que o famoso dogma da Infalibilidade Papal é, de muito, a mais modesta pretensão da espécie em existência. Comparada com as nossas infalíveis democracias, com os nossos infalíveis concílios médicos, com os nossos infalíveis astrônomos,

com os nossos infalíveis juízes, e com os nossos infalíveis parlamentos, o Papa está de joelhos no pó confessando a sua ignorância ante o trono de Deus, pedindo somente que, quanto a certas matérias históricas sobre as quais êle tem claramente mais fontes de informação abertas a si do que qualquer outro, a sua decisão seja tomada como final” (Prefácio de “S. João”, secção “A Igreja não comprometida pelas suas emendas”).

Que diz, pois, a Igreja Católica? Permite e incentiva a leitura privada da Escritura. Mas diz definitivamente que ninguém tem o direito de interpretar a Bíblia por si mesmo de qualquer modo oposto aos ensinamentos oficiais da Igreja Católica.

Passando por alto o fato de a maioria do povo carecer do preparo requerido nas muitas ciências diferentes, versantes sobre a interpretação escriturária, necessárias até mesmo para uma compreensão meramente natural da Bíblia, temos de nos ajustar à positiva provisão feita por Cristo para a nossa instrução na sua religião.

A própria Bíblia nos diz que “nenhuma profecia da Escritura é feita por interpretação privada” (2 Ped 1, 20). Diz-nos que Cristo estabeleceu e garantiu a sua Igreja; que incumbiu essa Igreja de “ensinar todas as nações” (Mt 28, 19) em seu nome; e que disse dela: “Quem vos ouve, a mim me ouve” (Lc 10, 16); e ainda: “Se alguém não ouve a Igreja, seja para ti como o pagão” (Mt 18, 17). Não admira que S. Paulo tenha declarado que a “Igreja do Deus vivo” é “a coluna e o fundamento da verdade” (I Tim 3, 15).

Essa é, pois, a posição católica. Cristo nunca tornou a sua religião dependente da interpretação privada da Bíblia por cada indivíduo. A sua infinita sabedoria não escolheria um método que levasse, como

vimos que levou, à divisão, ao caos e ao total desvio da religião. Estabeleceu a Igreja Católica; e essa Igreja pode dizer, com seu Divino Mestre, aos que professam crer na Bíblia, que as próprias Escrituras nas quais eles proclamam confiar dão testemunho da Igreja (Jo 5, 39). Ela é o guia designado ao qual, em obediência a Cristo, nós católicos nos submetemos.

Falando dos reformadores do século dezesseis, diz o eminente erudito Congregacionista da Escritura, Professor C. H. Dodd:

“Colocando a Bíblia ao dispor dos ignorantes, eles deram um passo fatal. Poderia ela já agora ser lida, “sem nota ou comentário”, sem a guia que era fornecida pela tradição. Permitir e incentivar isto era inevitavelmente admitir o direito do juízo privado a interpretá-la. (Ela estava agora) exposta às possíveis divagações da interpretação privada, autoridade absoluta deslocando a autoridade da Igreja Católica. A Igreja de Roma respondeu por uma aumentada rigidez no seu controle da leitura da Bíblia. A divisão que se seguiu teve infelizes resultados. Nas Igrejas da Reforma... a pretensão de que a Bíblia poderia ser lida tal como se apresentava, sem a guia da tradição... expô-la aos perigos de um individualismo caótico... Onde não mais havia nenhuma norma ou perspectiva comum, a linha não era facilmente traçada entre uma justa liberdade de juízo responsável e o jogo de uma preferência arbitrária... A exigência de uma liberdade desqualificada abriu o caminho a aberrações ilimitadas. Exemplo extremo disso deve ser achado na exploração dos mais obscuros escritos “apocalípticos”, tais como o Livro de Daniel no Antigo Testamento e o Livro da Revelação no Novo, os quais se tornaram o campo licenciado de todos os caprichos” (“The Bible Today” (“A Bíblia hoje em dia”), pp. 21-23).

Verdade é que o Professor Dodd pára antes da meta final a que tais pensamentos lógicamente levariam. Mas isso apenas significa que êle ainda não atingiu a graça positiva e sobrenatural da fé católica em tôda a sua plenitude. O que é animador é achar um erudito protestante da Bíblia vislumbrando alguma coisa da concepção católica sôbre êste assunto.

TRADIÇÃO DIVINA

O Professor Dodd falou da guia “que era fornecida pela tradição”; e uma palavra deve ser aqui dita quanto à natureza da tradição relacionada com a transmissão da doutrina cristã.

A presunção dos reformadores protestantes, de que a Bíblia contém um relato adequado de tudo o que é necessário para um cristão crer, explica em grande extensão o preconceito protestante largamente difundido contra a “tradição”, a qual infelizmente é por êles entendida como implicando uma tradição meramente humana, muito distante da doutrina católica sôbre o assunto. Porquanto, onde se trata da transmissão das verdades reveladas na Igreja, a doutrina católica se prende, não a quaisquer tradições humanas, mas sim àquilo que é conhecido como tradição divina — isto é, às verdades originariamente reveladas por Deus e transmitidas na Igreja sob a proteção do Espírito Santo contra todos os perigos de deturpação ou perversão.

Ora, é certo que houve muitas doutrinas importantes ensinadas por Cristo e pelos Apóstolos as quais não foram escritas nos livros do Novo Testamento, livros que eram essencialmente de caráter fragmentário. Em matéria de fato, como já vimos, só uns vinte ou trinta anos depois da fundação da Igreja foi que mesmo parte da pregação apostólica que temos no Novo Testamento foi confiada à escrita. O que os

primeiros cristãos acumularam foi o ensino apostólico, ensino que foi preservado na Igreja em parte pelos escritos do Novo Testamento e em parte pela tradição. Por isto S. Paulo escreveu aos Tessalonicenses: "Irmãos, ficai firmes, e sustentai as tradições que aprendestes ou por palavra ou por epístola nossa" (2 Tess 2, 14). S. Judas fala da necessidade de manter "a fé transmitida uma vez por tôdas aos santos" (Judas, 3). Ele não fala somente daquela parte que foi escrita nos livros do Novo Testamento. O ensino cristão na sua plenitude, e não apenas a parte dêle que foi escrita no Novo Testamento, foi preservado nos ensinamentos oficiais da Igreja Católica.

Contudo, a transmissão das doutrinas tradicionais não deve ser imaginada como sendo uma espécie de transmissão mecânica e contínua por palavra oral, de época para época, de todo ensino expresso de Cristo e dos Apóstolos, além daquele pôsto por escrito no Novo Testamento.

Algumas dessas doutrinas podem ser achadas registradas nos escritos dos primitivos Padres cristãos, mas somente aquelas que incidiram dentro do objetivo dos assuntos particulares que sucedeu lhes atraírem a atenção. Outras podem ser descobertas mediante um estudo das inscrições arqueológicas, ou de costumes religiosos reinantes entre os fiéis, ou de cânones disciplinares e de livros litúrgicos. Mas todos êstes são, por assim dizer, meros pontos onde a consciência viva da Igreja irrompe através da superfície. A tradição é essencialmente a memória viva da Igreja, manifestando-se primariamente nos autênticos e infalíveis ensinamentos dela, nos quais o Espírito Santo, consoante a promessa de Cristo, a preserva da possibilidade de êrro e a guia dentro de "tôda a verdade" (Jo 16, 13).

Os que não querem ouvir a voz infalível da Igreja Católica, e que tomam a Bíblia sôzinha como seu guia, ficam entregues a uma apresentação meramente parcial do Cristianismo, mesmo concedido que êles compreendam tudo o que está contido na Palavra de Deus escrita.

“LEITURA CONTROLADA DA BÍBLIA”

Tornemos aqui a outro pensamento expresso pelo Professor Dodd. Diz-nos êle que, às irresponsáveis aberrações resultantes da teoria dos reformadores protestantes de “a Bíblia aberta”, a Igreja de Roma respondeu por uma aumentada rigidez no seu contrôle da leitura da Bíblia”. Tal reação certamente não é ininteligível.

Foi William Tyndale quem imaginou que até mesmo o “menino que empurra o arado”, se lhe derem a Bíblia na sua própria língua, não achará dificuldade em descobrir-lhe o verdadeiro sentido. Mas as coisas não se passaram como êle esperava. E como falam diferentemente eruditos protestantes de hoje! Assim, achamos o Dr. W. K. Lowther Clarke escrevendo: “Para entender profundamente a Bíblia necessita-se um aparelhamento de largo e variado saber, comparado com o qual, é modesto o necessitado, digamos, por um erudito shakespeariano. . . Vemos homens com suas capacidades limitadas lidando com idéias que êles só compreendem em parte; obscuridades, equívocos, até mesmo contradições, são inevitáveis” (“Concise Bible Commentary”, “Conciso Comentário da Bíblia”, 1952, p. 1).

Em primeiro lugar deve ser lembrado que, onde é questão de traduzir de uma língua para outra e ainda mais difícil é no traduzir línguas antigas para linguagem moderna — nem sempre é possível trasladar

para nós exatamente aquilo que os escritores originais quiseram dizer. Foi esta dificuldade que nos deu o conhecido provérbio italiano: "Traduttore traditore": "o tradutor é um traidor".

Em muitas passagens, é verdade, uma exatidão substancial pode ser atingida; mas em outras, e muito importantes, o verdadeiro sentido necessariamente será obscurecido em qualquer outra língua que não na originalmente falada. Porquanto, mesmo quando palavras de significado praticamente idêntico são escolhidas na nova língua para traduzir palavras da língua original, há diferenças características de pensamento e de cultura entre as duas línguas, as quais introduzem variações de significado. Portanto, além de um conhecimento das palavras e da gramática hebraica e grega, quem quiser entender o sentido pretendido pelos escritores originais dos livros da Bíblia necessita um conhecimento profundo das idéias correntes no tempo dêles.

Outro elemento de dificuldade surge também, onde quer que a Bíblia é envolvida, do fato de não ser ela um livro comum. Ela contém uma misteriosa revelação de Deus; e os homens mais sábios, deixados aos seus próprios recursos, não são juízes competentes da verdade revelada. Por isto vemos até mesmo as sumidades mais eruditas da Escritura, homens profundamente versados em hebraico e grego, fruto de anos de estudo, incidirem em inúmeros e sérios erros, contadizando-se uns aos outros e empenhando-se em intérminas controvérsias.

Só há uma saída para isso. A interpretação da Escritura deve ser controlada pelo constante ensino cristão transmitido na Igreja desde o comêço, se não se quiser aberrar; e só a voz autorizada da Igreja Cató-

lica pode dar-nos absoluta certeza sôbre o que realmente é êsse autêntico e tradicional ensino cristão.

Será, pois, de admirar que os que são educados num ambiente protestante sejam transviados pela multidão de seitas colidentes com que se deparam? ou que fiquem espantados quando dão com certas palavras na sua Bíblia como aquêles de S. Paulo: "Rogo-vos, pois, irmãos, pelo nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, que todos digais a mesma coisa, e que não haja divisão entre vós; mas que fiqueis perfeitamente unidos no mesmo sentir e no mesmo julgar" (1 Cor 1, 10)?

Em puro desespero de causa, vendo a diversidade de denominações, alguns têm decidido que é errado pertencer a qualquer delas; e têm lavado as mãos de tôdas elas, determinados a viver suas vidas não ligados a nenhuma Igreja particular, mas justamente seguindo o ensino da Bíblia como êles mesmos concebem que êle é. Todavia, que é que, mais freqüentemente do que não, tem sucedido em tais casos? Uma e mais vêzes o mesmo fenômeno tem ocorrido: incapazes de guardar as suas idéias para si mesmas, essas pessoas têm congregado em tôrno de si outros que elas têm persuadido de adotar os seus modos de ver; e o resultado, no fim, tem sido sômente aditar novas denominações à multidão já existente de seitas, tornando "a confusão ainda mais confusa".

Em todo tempo, entretanto, o ideal de unidade frisado por S. Paulo é realizado num setor onde, devido à sua formação, essas pessoas nunca cogitaram de buscá-lo — na Igreja Católica da qual os primeiros reformadores protestantes tão erradamente se separaram. Aí, nessa Igreja Católica, a despeito do fato de os seus quatrocentos e cinqüenta milhões de membros pertencerem a nações mui diferentes, todos dizem a mesma coisa onde quer que a Fé cristã está em jôgo.

Os católicos são do mesmo sentir e do mesmo julgar sobre tôdas as matérias religiosas essenciais; e só por êste característico, afora outras considerações, a Igreja Católica justifica a sua pretensão de ser a verdadeira Igreja estabelecida por Cristo, Nosso Senhor. Se os reformadores protestantes houvessem sido fiéis à admoestação de S. Paulo, nunca teriam deixado essa Igreja a fim de fundarem Igrejas rivais, com tôdas as divisões e subdivisões a que elas conduziram. E aquêles, dentre os seus sectários posteriores, que se deram conta disso voltaram à Igreja Católica como convertidos, ora desta denominação protestante, ora daquela, como o próprio escritor dêste livrinho o fêz da Igreja Anglicana a que originariamente pertenceu.

PRECONCEITOS SERÓDIOS

De certo pode-se compreender a relutância dos protestantes dos nossos dias a voltarem à Igreja Católica para a solução das suas dificuldades, por mais desconcertante que seja a situação a que êles chegaram. Êles ainda cultivam o pensamento da “Bíblia aberta”, e tôda a sua tradição é que os reformadores tiveram de deixar a Igreja Católica a fim de a dar a êles. Ademais, êles herdaram a idéia de que, se voltassem à Igreja Católica, teriam de abandonar a devoção à leitura da Bíblia tal como podem ter conservado. Se a estas coisas aditarmos as muitas acusações que êles têm ouvido ou lido sobre uma real hostilidade à Bíblia por parte da Igreja Católica, ainda menos surpresos ficaremos com a recusa dêles sequer de considerar os direitos dela à sua vassalagem. Contudo, fica de pé o fato de que tôdas essas impressões se baseiam num mal-entendido; e que muito mais reflexão precisa ser concedida sobre o assunto do que usualmente lhe é dada.

Não há necessidade de nos estendermos sôbre a antiquada acusação de que a Igreja Católica costumava queimar tôdas as Bíblias em que podia deitar mãos nos tempos da pré-reforma, a fim de as manter fora das mãos do povo. O que a Igreja Católica condenava e ordenava queimar eram as falsas traduções da Bíblia; e isso provinha da sua sincera reverência e respeito pela Bíblia como Palavra de Deus, que ela positivamente recusava permitir fôsse corrompida.

A Igreja Católica sempre teve as Sagradas Escrituras na mais alta estima, como constituindo uma das maiores dádivas de Deus Onipotente à humanidade. Através dos séculos anteriores à invenção da imprensa os seus monges cuidadosamente multiplicaram cópias, à mão, da Bíblia, em manuscritos belamente ilustrados, assim preservando a Sagrada Escritura para as idades pósteras. Se a Igreja Católica houvesse querido destruir a Bíblia, fâcilmente poderia tê-lo feito durante o milênio e meio anterior à reforma protestante, quando, praticamente, todos os manuscritos dela estavam sômente na sua posse! Nem nos tempos da pré-reforma faltaram traduções manuscritas para o vernáculo, embora naturalmente não pudessem ser largamente difundidas antes da invenção da imprensa. Mas essas versões eram conhecidas e lidas, e citadas pelos escritores de todos os países tanto do Oriente como do Ocidente. Muita gente tem laborado em equívocos sôbre êste assunto, mas, à medida que os fatos se vão tornando mais bem conhecidos, cada vez menos é ouvida qualquer acusação de haver a Igreja Católica alguma vez querido suprimir ou destruir a Bíblia.

“A BÍBLIA NÃO É NECESSÁRIA”

Mesmo assim, embora a Igreja Católica não tenha desejo de suprimir ou destruir a Bíblia, é aventado que

ela não a considera necessária. Aqui chegamos a uma impressão que não deixa de ter certo fundamento. Na verdade, os próprios apologistas católicos acentuaram o fato de que, mesmo que a Bíblia súbitamente desaparecesse da terra, por efeito de alguma grande calamidade, isso não afetaria uma só doutrina da Igreja Católica, nem poria em risco a sua existência. Deve ser notado que, na estimativa dos católicos, semelhante perda seria uma grande calamidade. Eles consideram a posse da Bíblia como uma grandíssima bênção. Mas, ao mesmo tempo, declaram que a Bíblia não é necessária à existência da Igreja Católica ou à continuidade da sua missão junto à humanidade; e isto é que precisa ser compreendido.

Desde o começo poderíamos ser lembrados, como acima mencionamos, de que, se a Bíblia não desapareceu da face da terra, devemo-lo à Igreja Católica; porque, como vimos, foi ela quem a preservou em forma manuscrita no correr dos primeiros séculos. Porém aspecto muito mais importante do assunto deve ser aqui considerado.

A real afirmação em discussão é de todo evidentemente verdadeira; porque a Igreja Católica existiu antes que uma linha sequer do Novo Testamento tivesse sido escrita; e, se ela pôde existir então, sem dúvida poderia existir e ter continuado existindo se nem uma linha dos evangelhos e do resto do Novo Testamento houvesse sido jamais confiada à escrita.

Devemos lembrar-nos de que as tremendas notícias do nascimento de nosso Salvador e da realização, por êle, da nossa redenção foram tornadas conhecidas desde o começo pela pregação dos Apóstolos; e, certamente, aos três mil convertidos pelo primeiro sermão de S. Pedro em Jerusalém não foram dados Novos Testamentos! Nos Atos dos Apóstolos, escritos cêrca

de sessenta e três anos depois do nascimento de Cristo, temos editada a observação de que, quando S. Pedro tinha completado o seu primeiro discurso em público, “o Senhor fazia crescer diàriamente na Igreja o número dos que haviam de ser salvos” (At 2, 47). E já vimos a afirmação, num versículo anterior, de que os primeiros cristãos “perseveravam todos na doutrina dos Apóstolos” (At 2, 42). Assim, a Igreja existia então, embora nem uma linha do Novo Testamento houvesse sido ainda escrita. E, no entanto, aquêles primeiros membros da Igreja eram tão cristãos como os dos séculos posteriores que tiveram a boa fortuna de possuir cópias dos evangelhos.

Embora isso não fôsse absolutamente essencial à existência e missão da Igreja que Cristo fundara, todavia, como uma vantagem adicional para ela na sua obra, Deus comprazeu-se em inspirar os Apóstolos e Evangelistas, nos seus últimos anos, a confiarem a parte principal do seu ensino — não todo êle — à escrita. Mesmo assim, não era possível uma difusão geral dos documentos que êles deixaram como um legado à Igreja, documentos que tinham de ser tão laboriosamente transcritos à mão. A vasta maioria dos cristãos ainda tinha de depender do ensino da Igreja como seu guia imediato para uma compreensão da sua religião. E a invenção da imprensa uns mil e quinhentos anos mais tarde, a qual possibilitou a distribuição de Bíblias impressas, não podia alterar o método inventado e indicado por Deus, de dependência da autoridade da Igreja de Cristo como a fonte autêntica de doutrina.

Há aqui uma grande dificuldade para os protestantes que baseiam a sua religião nos evangelhos escritos. Êles naturalmente ficam embaraçados com o período que decorreu entre a morte de Cristo e a escrita do

Novo Testamento. Como podiam os cristãos avir-se sem o Novo Testamento nos tempos em que êste ainda não existia? Argutamente cõscio desta dificuldade, o proeminente batista americano Dr. Stanley I. Stuber declara que os protestantes “acreditam que o Novo Testamento procedeu e aplainou o caminho para isso que nós hoje conhecemos como sendo a Igreja. Se não tivesse sido pelas cartas de Paulo, pelos Evangelhos e pelo Livro da Revelação, absolutamente não poderia ter havido Igreja” (“Primer on Roman Catholicism for Protestants”, 1953, p. 115). Mas isto é simplesmente desafiar os fatos da história. Se há coisa certa, é que o Novo Testamento pinta Cristo como tendo chamado os seus doze Apóstolos e com havendo fundado pessoalmente sôbre êles a sua Igreja, embora nenhum livro do Novo Testamento houvesse sido escrito até uns vinte ou trinta anos depois da morte de Cristo.

O católico, que aceita a Igreja como seu guia e sabe que a Igreja existiu antes que o Novo Testamento fôsse escrito, não tem dificuldade nesta matéria. Contudo, se um homem pensa do Novo Testamento como sendo o seu único guia, a dificuldade para êle é insuperável. Mas êle tem uma noção equivocada. Não a leitura da Escritura, mas sim o ensino da Igreja, é que foi pretendido fôsse o guia dos cristãos. E foi por isto que Cristo disse: “Edificarei a minha Igreja”, e mais tarde incumbiu essa Igreja de ir e ensinar tôdas as nações (Mt 16, 18; 28, 19-20).

OS CATÓLICOS E A LEITURA DA BÍBLIA

Para completarmos o nosso breve estudo destas matérias, é agora necessário considerarmos a atitude real da Igreja Católica, nos nossos próprios dias, para com a leitura da Bíblia. Pois há muitos mal-entendidos reinantes entre os não-católicos também sob êste ponto

de vista. Pode-se compreender que assim seja quase necessariamente. A idéia, ainda aceita, de que a Bíblia deveria ser um "livro aberto", e de que cada um é capaz de lê-la e de interpretá-la corretamente por si mesmo, deve tornar difícil para os educados como não-católicos o compreenderem a atitude muito mais reservada da Igreja Católica para com a Sagrada Escritura. Como resultado disso, um sábio contrôle é quase inevitavelmente interpretado como uma proibição de ler a Bíblia, ou, ao menos, como relutância a que essa leitura seja empreendida. Nesta matéria, entretanto, as dificuldades são devidas, acima de tudo o mais, ao acesso mental inicial da pessoa ao assunto; e, para manter equilibrada a visão mental dessa pessoa é necessário adotar compreensivos modos de ver históricos.

Em primeiro lugar, todo pensamento de que a Igreja Católica, durante os séculos anteriores à invenção da imprensa, manteve o seu povo em ignorância do conteúdo da Sagrada Escritura, deve ser abandonado. Protestantes educados vão cada vez mais modificando as suas conclusões sobre este ponto.

Assim, o Dr. Cutts escreve:

"Há uma boa dose de mal-entendido popular sobre o modo como a Bíblia era considerada na Idade Média. Algumas pessoas pensam que ela era muito pouco lida, mesmo pelo clero; quando o fato é que os sermões dos pregadores medievais são muito mais cheios de citações e alusões Escriturárias do que quaisquer sermões nos dias de hoje; e os escritores sobre outros assuntos são tão cheios de alusão Escriturária, que é evidente que as suas mentes estavam saturadas de dicção Escriturária" ("Turning Points of English History", p. 200).

Da Alemanha vem testemunho similar. O Luterano Kropatscheck diz:

“Já não é possível sustentar, como o faziam os velhos polemistas, que a Bíblia era um livro selado tanto para teólogos como para leigos. Quanto mais estudamos a Idade Média, tanto mais essa fábula tende a dissolver-se em fino ar” (“Das Schriftprinzip der Luth. Kirche”, p. 163).

Outra sumidade alemã Luterana, Dobschutz, escreve: “Devemos admitir que a Idade Média possuiu um conhecimento da Bíblia inteiramente surpreendente e extremamente digno de louvor, tal como, a muitos respeito, poderia fazer corar a nossa própria época” (“Deutsche Rundschau”, p. 61).

Grande dose de contra-senso tem sido escrita sobre o assunto de traduções da Bíblia para a linguagem vernácula, ou corrente, do povo. Muitas vezes se pergunta se não é verdade que, antes da reforma protestante, a Bíblia existia somente em manuscritos gregos e latinos. Esquece-se que os próprios manuscritos latinos eram traduções do grego para a linguagem vernácula, ou corrente, dos latinos. E, desde os primeiros tempos, em todo os países, houve outras traduções da Escritura para as suas várias línguas.

Restringindo-nos aqui à Inglaterra, achamos S. Tomás More escrevendo, no século dezesseis, que “a Bíblia inteira, muito antes do seu tempo (de Wycliffe), foi traduzida para a língua inglêsa por homens virtuosos e bem instruídos; e era bem e reverentemente lida por gente boa e religiosa, e com devoção e seriedade” (“English Works”, p. 233). O Venerável Beda morreu em 735 A. D. quando estava acabando a tradução do Evangelho de S. João. Um manuscrito contendo uma completa tradução interlinear anglo-saxônia do Livro dos Salmos, datante de 825 A. D., ainda é preservada nisso que é conhecido como o Saltério Vespasiano. O rei Alfredo Magno também empreendeu

o trabalho de traduzir os Salmos para inglês vernáculo do seu tempo. O Abade Aelfric, por volta de 990 A. D., traduziu para o inglês muitas partes tanto do Antigo como do Novo Testamentos.

Verdade é que a Bíblia de por volta de 1382 A. D., atribuída a Wycliffe e vertida para o inglês cêrca de um século e meio antes da reforma protestante, foi realmente a primeira versão inglêsa plena e completa da Vulgata Latina inteira. Essa tradução foi condenada pelas autoridades católicas principalmente por ter sido publicada com um Prólogo que continha os modos de ver heréticos dos lolardos. Posteriores edições dela, sem o Prólogo, escaparam à censura eclesiástica e alcançaram largo uso até mesmo entre os católicos — na medida, está claro, em que a laboriosa transcrição manual nos tempos anteriores à imprensa permitia a multiplicação das cópias.

AQUELAS “PERMISSÕES DE LER”!

Do tempo dos lolardos em diante, e sobretudo durante os primeiros anos seguintes à invenção da imprensa e à onda de Bíblias que então começaram a circular, os católicos tinham de obter permissão eclesiástica para possuir e ler traduções vernáculas da Sagrada Escritura. Mas isso era a própria sabedoria da parte da Igreja Católica a condenar traduções não-autorizadas, e a insistir em que aquêles que lessem cópias aprovadas deviam interpretá-las à luz do ensino católico consistente através das idades, concedendo permissões para tal leitura somente aos suficientemente instruídos na fé.

Por longa experiência a Igreja Católica havia aprendido o perigo, para a fé das próprias pessoas, se, sem conhecimento e instrução suficientes, a leitura e

interpretação da Escritura sem referência a qualquer guia autorizado se tornasse largamente difundida.

A história das heresias nos primeiros anos da Igreja e nos primeiros e últimos tempos da Idade Média, muito tempo antes da Reforma Protestante, haviam amplamente provado a falácia e o perigo da interpretação privada da Escritura. Cada herege fazia a Bíblia significar justamente aquilo que êle desejava. Mau uso do texto sagrado pelos Albigenses na França, pelos Lollards na Inglaterra, pelos Hussitas na Boêmia, e por outros hereges, forçaram a Igreja a adotar uma atitude conservadora e restringir as permissões para leitura da Bíblia só a pessoas qualificadas segundo o juízo das autoridades eclesiásticas locais.

Os resultados que quase imediatamente se seguiram entre os protestantes após a Reforma, e a geral aceitação, por êles, da teoria da “Bíblia aberta”, são realmente a justificação melhor possível da prudência exercida pela Igreja Católica nesta matéria. Os mais sensatos entre os eruditos protestantes, por sua vez, a ver isto. Assim, o Cônego Anglicano Wilfrid L. Knox escreveu:

“Não pode haver dúvida de que era justa a pretensão católica de que a Bíblia sem alguma norma de interpretação não pode ser aplicada à vida diária do cristão individual. A pretensão dos Reformadores de que a Bíblia sozinho é o guia final e suficiente para a crença e moralidade cristãs era inteiramente insustentável. Na realidade dos fatos, ela envolvia não o apêlo à Bíblia, mas o recurso à Bíblia como interpretada por algum reformador particular. O resultado foi uma multidão de comunidades contendentes, cada qual sustentando um diferente sistema de crença e anatematizando tôdas as outras; sendo que o único terreno de concordância entre elas era a denúncia, por tôdas

elas, dos erros de Roma" ("Essays Catholic and Critical", "Ensaaios Católicos e Críticos", Third Edition, 1950, p. 99).

POSIÇÃO CATÓLICA HOJE EM DIA

Em grande extensão, as acesas controvérsias do século dezesseis pertencem agora ao passado, juntamente com tôdas as ações e reações que provocavam. Em muitas matérias, correlatamente, as leis disciplinares da Igreja Católica tornaram-se muito mais brandas do que as destinadas a enfrentar então as emergências; e aqui será de interêsse perguntar qual é a posição católica hoje em dia onde quer que entra em jôgo a leitura da Bíblia.

Nas Igrejas Católicas encarece-se naturalmente o cumprimento dos deveres necessários, como assistência à Missa aos domingos e outros dia de obrigação, recepção dos Sacramentos, o dever pessoal da oração, a observância dos dez mandamentos e a fidelidade aos preceitos da Igreja. Além dêstes deveres básicamente necessários, os católicos são incentivados a participar de funções extra e optativas, e a aumentar o seu conhecimento da sua religião conservando a sua leitura de livros religiosos católicos, como de revistas e jornais. Não podem fazer isso sem progredirem na sua compreensão da religião da Bíblia, mesmo fazendo pouca ou nenhuma leitura direta da própria Bíblia.

Não é exagêro dizer que, se um católico conhece bem a sua religião, conhece a religião da Bíblia; e isso é muito melhor do que ler a Bíblia sem compreender o que ela realmente quer dizer. Quantos não-católicos, há, multidões dêles, que se dão à leitura da Bíblia, e que acabam sendo capazes de citar uma verdadeira torrente de textos da Escritura por êles mal compreendidos. e que portanto acabam igualmente

com pequeníssimo conhecimento real da religião cristã! Quem é que não tem encontrado Cristadelfos, Adventistas do Sétimo Dia, Testemunhas de Jeová e outros que tais, os quais despejam torrentes de textos Escriturários sem pé nem cabeça, e que parecem fazer a sua religião tôda consistir na sua habilidade em fazer isso!

Entretanto, seria uma semiverdade dizer apenas que os católicos “não são descoroçados” de empreender, por si mesmos, o estudo da Sagrada Escritura, ficando nisso. Eles são positivamente incentivados a fazê-lo. Assim, é usual achar nas páginas introdutórias de traduções católicas da Bíblia várias recomendações papais do hábito regular de ler a Bíblia. Ali os católicos são informados de que o Papa Leão XIII concedeu uma indulgência de 300 dias a todos os fiéis que devotamente lessem as Escrituras ao menos por um quarto de hora cada dia; que o Papa Pio X conferiu bênçãos especiais às sociedades católicas estabelecidas para propagar sempre mais largamente entre os católicos a leitura da Bíblia; e que o Papa Bento XV declarou: “O nosso único desejo, para todos os filhos da Igreja, é que, saturando-se da Bíblia, possam chegar ao superior conhecimento de Jesus Cristo”.

Sem dúvida, não devemos interpretar mal essas exortações, como constituindo lei. A leitura da Sagrada Escritura por si mesma ainda fica sendo optativa para os católicos, e não necessária. Não há lugar, na religião católica para a “Bibliolatria” que gostaria de fazer da leitura da Bíblia o verdadeiro fundamento da religião cristã. Não há. Não devemos perder de vista o que mais atrás foi dito neste livrinho. Cristo nunca ordenou que uma linha sequer da Escritura fosse escrita. Não mandou seus Apóstolos irem e distribuírem Bíblias. Mandou-os ensinar tôdas as nações co-

mo êle os ensinara, e lhes disse: “Quem vos ouve a mim me ouve” (Lc 10, 16). A sua religião não é a “religião de um livro”, mas sim a “religião de uma Igreja” — a religião da Igreja Católica por êle mesmo fundada.

Os católicos que conhecem e amam os ensinamentos da sua Igreja ficarão “saturados da Bíblia” mesmo se nunca tiverem olhado para uma Bíblia real; e podem assim atingir “o superior conhecimento de Jesus Cristo”. S. Francisco de Assis, que levou a sua vida em extrema pobreza, oração e renúncia, e que se dedicou a pregar o amor de Deus e o amor dos homens nossos irmãos, viveu no século XIII, muito tempo antes da invenção da imprensa, e quando cópias pessoais da Bíblia não eram facilmente obtidas. Não foi um estudioso da Bíblia no sentido de se haver dado ao estudo direto da Sagrada Escritura. Mas sabia a religião da Bíblia, pela sua compreensão da Fé Católica; e poucos homens atingiram como êle “o superior conhecimento de Jesus Cristo”. E a Igreja Católica canonizou-o como um Santo por causa da maneira como êle irradiou Cristo em palavra e em ato.

Ao mesmo tempo, ao passo que não é necessária, a leitura da Bíblia é boa como fonte de inspiração espiritual adicional, se fôr lida com humildade e piedade, com oração e devida prudência. As regras de prudência foram consignadas pela Igreja.

Devem os católicos restringir-se a versões da Sagrada Escritura aprovadas pela sua Igreja. Êles estão bem providos de traduções fidedignas tanto do Antigo como do Novo Testamentos. Traduções não-católicas da Bíblia, sôbre as quais a Igreja Católica não pôde exercer nenhuma fiscalização, e às quais não concedeu nenhuma autorização, não podem ser usadas pelos Católicos, a não ser que êles sejam estudiosos pro-

fissionais da Sagrada Escritura ou tenham obtido das autoridades eclesiásticas apropriadas permissão especial para isso por motivos julgados suficientemente sérios.

Mesmo lendo versões católicas aprovadas, uma vez que sempre há a possibilidade de leitores individuais interpretarem mal a Bíblia, os católicos são obrigados a certificar-se de que elas não adotam nenhuma interpretação oposta aos ensinamentos definidos da religião católica. Os católicos têm ao menos a humildade de admitir que, onde quer que haja questão do sentido da Sagrada Escritura, eles próprios são mais sujeitos a enganar-se do que a Igreja Católica, com a sua acumulada sabedoria de dois mil anos, e a permanente proteção do Espírito Santo prometida à Igreja deles pelo próprio Nosso Senhor.

CONCLUSÃO

As vêzes, por não-católicos é dito que os católicos não lêem as suas Bíblias, ou que ao menos não dão sinais de serem familiares com elas. Ora, é verdade que os católicos não fazem um fetiche de decorar uma lista intérmina de textos isolados da Bíblia a fim de poderem citá-los, inteligentemente ou ininteligentemente, quando se ofereça oportunidade. Mas, em grande número de lares católicos, senão a Bíblia completa, com o Antigo e o Novo Testamentos, haverá ao menos exemplares do Novo Testamento. E muito mais católicos lêem a Sagrada Escritura por si mesmos do que comumente o supõem os não-católicos.

Mas, como vimos, realmente não importaria se o fizessem. A leitura da Bíblia não é necessária para a salvação; e é mesmo melhor não a ler do que lê-la e ser transviado pela sua própria incompetência, “deturpando-a”, como diz S. Pedro, “para sua própria perdição” (2 Ped 3, 16).

Se algum católico individualmente ignora determinado aspecto particular da ciência bíblica, obviamente será por não ter tido nem o tempo, nem talvez a capacidade, nem mesmo talvez a inclinação, para se dedicar ao estudo do aspecto particular em questão. Mas, seja lá o que se possa dizer sob êsse ponto de vista, ordinariamente nenhum católico instruído ignora o conteúdo substancial da Bíblia. Embora não dedique tempo adicional a ler a Bíblia por si mesmo, êle aprendeu a sua História Sagrada durante o tempo escolar; ouve a Bíblia lida e explicada nas Missas do domingo; acha a verdade bíblica engastada em tôdas as formas da devoção católica; e sabe como viver a fé que a Bíblia ensina.

Em conclusão, resumamos brevemente a posição sustentada neste livrinho. Em primeiro lugar, sem a autoridade da Igreja Católica não pode haver garantia absolutamente certa de que a Bíblia é a Palavra de Deus. Em segundo lugar, a Bíblia é um livro que necessita um intérprete. Em terceiro lugar a Bíblia nos diz que não é a *única* fonte da verdade religiosa, e que a tradição cristã também é uma fonte da qual podemos aprender aquilo que Deus revelou. Em quarto lugar, a Bíblia nos diz que Cristo instituiu a sua Igreja para nos ensinar em seu nome aquilo que devemos crer e fazer a fim de sermos salvos. A nossa norma imediata é, portanto, o ensino oficial da Igreja de Cristo. A Bíblia e a Tradição são normas *remotas* de doutrina, a serem entendidas conforme interpretadas pela Igreja.

A Igreja Católica insiste em que todos os homens devem aceitar a verdadeira religião de Cristo; e em que todos aquêles ensinamentos que ela definiu como artigos de fé representam verdadeiramente a religião de Cristo. E, embora em outras coisas êsses homens possam divergir, ela assegura a completa unidade de

mais de quatrocentos e cinquenta milhões de católicos no mundo inteiro, onde quer que os ensinamentos essenciais da religião dêles estejam em causa. Ela supera em número de membros tôdas as outras Igrejas separadas de si; e essas outras Igrejas estão sempre lamentando as suas divisões entre si e a sua incapacidade para achar meios e modos de atingir uma unidade que é uma realidade na Igreja Católica. Portanto, na Igreja Católica, e só na Igreja Católica, é que há de ser achada a unidade pela qual Nosso Senhor rogou; e os inúmeros convertidos que se têm feito católicos a fim de participarem dessa unidade são unânimes em dizer que a própria Bíblia, conduz na direção que êles tomaram e que os levou àquela “paz de Cristo no reino de Cristo” que Cristo quer que todos os seus seguidores possuam.

ÍNDICE

A Teoria de “a Bíblia sòmente”	5
A “Bíblia aberta” como guia	7
A vontade de Cristo	9
“Interpretação privada”	10
A Bíblia, intérprete de si mesma	12
“Fala o Espírito Santo!”	13
Bíblia e reunião de Igrejas	16
A atitude católica	17
Tradição divina	20
“Leitura controlada da Bíblia”	22
Preconceitos seródios	25
“A Bíblia não é necessária”	26
Os católicas e a leitura da Bíblia	29
Aquelas “permissões de ler”	32
Posição católica hoje em dia	34
Conclusão	37

VOZES EM DEFESA DA FÉ

O Secretariado Nacional de Defesa da Fé resolveu ampliar a conhecida série de 8 cadernos "Contra a Heresia Espírita" sob o novo título geral de "Vozes em Defesa da Fé". Já estão no prelo e sairão próximamente os seguintes cadernos:

9. O Círculo Esotérico da Comunhão do Pensamento
10. O Rosacruzianismo no Brasil
11. As Sociedades Teosóficas ✓
12. Martinho Lutero
13. A Reforma Luterana ✓
14. Os Presbiterianos
15. Os Congregacionalistas
16. Os episcopalianos
17. Os Batistas
18. Os Metodistas
19. Os Adventistas
20. O Exército da Salvação
21. A Associação Cristã de Moços
22. As Testemunhas de Jeová
23. "Assembléias de Deus" e outras "Igrejas Pentecostais"
24. Os Mormons ou Santos dos últimos Dias ✓
25. A "Ciência Cristã"
26. Os Católicos e o Rearmamento Moral ✓
27. A Teoria de "A Bíblia sòmente"
28. A Teoria da "Justificação pela Fé sòmente"
29. Só os Católicos se salvam?
30. Cristo voltará em breve? ✓
31. A Imortalidade da Alma ✓
32. Cristo é realmente Deus? ✓
33. A Inquisição ✓
34. Nossas Superstições ✓
35. Astrologia, Quiromancia e Quejandos ✓

Na mesma coleção seguirão ainda dezenas de outros títulos,
já em preparo

Publicações do Secretariado Nacional de Defesa da Fé,
na Editôra Vozes.

Pedidos à EDITORA VOZES LIMITADA
Caixa Postal 23, Petrópolis, Estado do Rio